



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Ana Beatriz Reis Coimbra

FORMAÇÃO CRÍTICA NO ENSINO MÉDIO: a percepção do estudante sobre as perspectivas pedagógicas

Rio de Janeiro

2021

Ana Beatriz Reis Coimbra

FORMAÇÃO CRÍTICA NO ENSINO MÉDIO: a percepção do estudante sobre as perspectivas pedagógicas

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientadora: Monica Vieira

Rio de Janeiro

2021

RESUMO

Na contemporaneidade, observa-se a necessidade de uma proposta educacional que busque a formação de indivíduos conscientes, livres, e autônomos para integrar a sociedade. O objetivo geral deste projeto é analisar a percepção dos alunos do ensino médio sobre as perspectivas pedagógicas conteudista e crítico-reflexiva. O projeto baseia-se na abordagem qualitativa e utiliza como estratégias de pesquisa a revisão da literatura, tendo como referência os descritores: ensino médio; propostas pedagógicas; formação crítica. Também recorreremos às redes sociais para mapear a percepção de alunos do ensino médio acerca do tema do estudo a partir de depoimentos públicos no Twitter e Instagram. Por meio de *posts* e *tweets*, muitas vezes associadas à sensação de cansaço por ter de passar pelo processo considerado “desgastante” dos anos conclusivos do ensino médio, os estudantes apresentam concepções distintas sobre o papel da escola e suas perspectivas enfatizando, no entanto, o descompasso entre aprendizado escolar e as demandas do mundo da vida.

Palavras-chave: ensino médio; perspectivas pedagógicas; formação crítica

*Dedico este trabalho a todos os
estudantes e profissionais da educação, que
me inspiraram na elaboração deste estudo.*

AGRADECIMENTOS

Às forças divinas e ancestrais, que sempre iluminam e regem os meus passos;

Aos meus pais, Andréa Reis e Fernando Coimbra, por acreditarem no meu potencial e compreenderem o meu afastamento na dedicação do presente trabalho;

Aos meus avós, Irene Inácio, Adilson Reis (*in memoriam*), Regina Marques e Fernando Coimbra, por todo apoio e confiança desde que este estudo era ainda uma ideia;

Aos meus irmãos, João Victor Coimbra, Fernando Coimbra Junior, Luiz Eduardo Coimbra e Maria Eduarda Coimbra pelas vibrações de alegria a cada notícia;

Aos meus primos, padrinhos e familiares, por torcerem por mim a cada passo da minha jornada;

Aos amigos Mariana Steling, Clara Sales, Giovana Guimarães, Nicole Freitas, Bruno Bueno, Isabela Orichio, Thiago Zacarias, Ana Gabriele Galdino, Beatriz Madriaga, Gabriele Teodosio, Ana Gabriely Avila, Joana Cerqueira, Paulo César Melo, Thamara Lyrio, Ana Beatriz Prado, Marcella Reis, João Lucas Barbosa, Iris Santos, Mario Junior, Izabelle Ximenes e a todos os colegas de turma pela companhia e sustento durante todo o período de elaboração;

À minha orientadora, Monica Vieira, pela grande parceria, e por embarcar comigo desde o princípio até a concretização do estudo, se disponibilizando a me ajudar em todo momento;

À professora e pesquisadora Letícia Batista por estar presente e compor a banca de qualificação e defesa, dialogando e sugerindo mudanças significativas em meu texto, além de acompanhar os alunos nesse processo;

Aos professores que passaram pela minha vida, porque se hoje estou aqui, é graças a todos eles;

À Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ por essa trajetória de quase 5 anos, que me permitiu formação, consciência, criticidade e oportunidades imensas, como o desenvolvimento desse estudo;

Aos alunos que se disponibilizaram a responder e relatar suas vivências na pesquisa, fundamentando e correspondendo a minha indagação.

E a todos que, de alguma forma, torceram por mim nesta etapa tão importante da formação acadêmica.

*“Se a educação sozinha, não transforma
a sociedade, sem ela tampouco
a sociedade muda.”*

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 CAPÍTULO 1: O PAPEL DA ESCOLA.....	10
3 CAPÍTULO 2: PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS.....	17
4 CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	22
5 CAPÍTULO 4: PERCEPÇÕES DOS ALUNOS.....	24
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
8 REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo parte da percepção de que a educação deve ser uma preocupação para a formação de uma nação, tendo em vista que está atrelada a construção do futuro, sendo este, em grande parte, representado por crianças e jovens que tenham acesso a escola. A história nos conta que a educação brasileira remonta ao ensino trazido pelos jesuítas ao invadirem o Brasil. A Companhia de Jesus tinha dois projetos educacionais: catequização para os indígenas e um projeto diferenciado para os filhos dos colonos, onde estes tinham acesso a uma educação mais elaborada. (SAVIANI, 2008) Até hoje esta influência é percebida na educação brasileira, quando o autoritarismo se faz evidente castrando da juventude sua criticidade. É nesse sentido que a presente monografia se situa, buscando compreender como a juventude percebe o papel da escola e as diferentes visões de mundo.

Sabe-se que a Escola assume uma posição de destaque na formação dos cidadãos. Adentrando o conceito de socialização primária, é possível compreender que a família junto a escola, respectivamente, são as primeiras instituições responsáveis pela formação dos indivíduos com protagonismo, identidade, valores, subjetividade, multiculturalismo; e fica claro que estas duas instituições deveriam atuar assiduamente no desenvolvimento dos mesmos, cumprindo seus papéis formadores e educativos.

O contexto escolar é um local de formação humana, convivência e troca de relações (DESSEN e POLONIA, 2007); um espaço diversificado de significados históricos, emocionais e sociais, onde estes são essenciais para entender como se desenvolve o processo de aprendizagem, a partir da singularidade de cada aluno (PANIZZI, 2010).

Seguindo a direção apontada no parágrafo anterior, a EPSJV¹, em seu Projeto Político Pedagógico apresenta eixos conceituais da educação profissional em saúde.

¹ Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, unidade técnico científica da Fundação Oswaldo Cruz. Criada em 1985, promove atividades de ensino, pesquisa e cooperação no campo da Educação Profissional em Saúde. <https://www.epsjv.fiocruz.br/escola/quem-somos>

“[...] a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como um espaço de criação, questionamentos, crítica e produção intelectual e material, comprometido com o fortalecimento do Sistema Único de Saúde e com o desenvolvimento científico e tecnológico em Saúde, tendo o trabalho como princípio educativo.” (Projeto Político Pedagógico, EPSJV, 2005, p. 57)

Observa-se, neste processo, a disputa pelo sentido dado desde as concepções pedagógicas, passando pelas leis educacionais vigentes, até a compreensão da relação Trabalho, Educação e Saúde. Nesse caso, a formação dos trabalhadores da saúde considera o contexto complexo e contraditório da economia global das políticas neoliberais. Esse contexto gera consequências e resultados que afetam diretamente a vida cotidiana, o trabalho e as formas de organização e qualificação profissional. (Projeto Político Pedagógico, EPSJV, 2005)

Portanto, por esse lado, a perspectiva pedagógica da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio sinaliza que “a Educação Profissional em Saúde, em nível técnico e formação inicial e continuada, deve estar voltada para uma formação ética, política e técnica” (Projeto Político Pedagógico, EPSJV, 2005).

JUSTIFICATIVA

Esta monografia buscou estudar e entender as diferentes propostas pedagógicas e seus reflexos na formação crítica do estudante do ensino médio. A motivação para a construção deste estudo surgiu a partir do interesse, dilemas e indagações no comportamento de jovens estudantes diante dos diferentes métodos² de ensino desenvolvidos no ensino médio em uma instituição pública e outra privada na cidade do Rio de Janeiro. Essa consciência e experiência foi sendo adquirida a partir da inserção em uma escola cuja formação encontra-se ancorada em uma proposta pedagógica crítico-reflexiva.

Os conhecimentos trocados e aprendidos me possibilitaram refletir a respeito do papel que uma escola deve exercer diante dos complexos desafios experimentados pelos jovens no contexto do ensino médio e dessa fase da vida, repleta de mudanças e transições. Julgo o estudo necessário a todos os discentes e docentes; a fim de que a compreensão dos modelos educativos do ensino médio seja ampliada e, talvez, repensada e reconfigurada. Duas diferentes perspectivas pedagógicas serão analisadas no projeto: a proposta conteudista e socioconstrutivista.

A questão norteadora do estudo: “como as percepções sobre as propostas pedagógicas aparecem em depoimentos públicos de estudantes do ensino médio nas redes sociais foi lançada nas redes sociais Twitter e Instagram, entendidas como espaços acessíveis para desabafos e percepções das mais diversas maneiras (memes, tweets, textos, imagens...) possíveis.

Para isso, foram desenhados os seguintes objetivos:

Objetivo geral

- Analisar a percepção dos alunos do ensino médio sobre as perspectivas pedagógicas conteudista e crítico-reflexiva;

Objetivos específicos

² Estou utilizando as palavras *método*, *sistema*, *proposta* e *modelo* como sinônimos.

- Refletir sobre como as diferentes perspectivas pedagógicas formam o aluno como um sujeito;
- Compreender as bases das perspectivas pedagógicas conteudista e crítico-reflexiva;
- Conhecer a percepção dos alunos do ensino médio sobre essas perspectivas.

CAPÍTULO 1: O PAPEL DA ESCOLA

Na origem do Brasil, majoritariamente agrário, os métodos pedagógicos que se aplicavam no ambiente escolar, reproduziam o que era necessário para essa visão de mundo: a capacidade de ler, fazer cálculos e pequenas operações, tendo uma educação elementar. A medida em que o país se desenvolve, caminha para um processo de transformação social e política que se inicia no governo de Getúlio Vargas. A industrialização e urbanização desenvolveu uma burguesia que desejava ter mão de obra especializada que pudesse ocupar espaço nas grandes indústrias com técnica e precisão, logo as escolas precisariam reproduzir esse modelo. É nesse período que surgem as escolas profissionais que têm como único foco preparar a mão de obra trabalhadora e tecnicista, em sua maioria analfabeta. Nesse momento, a escola não abria brecha para o desenvolvimento de um pensamento crítico, pois o objetivo maior e imediato era dar acesso a leitura e ao manuseio operacional das máquinas. (SAVIANI. 2008)

Na ditadura civil-militar, o Estado passou a valorizar ainda mais a formação profissionalizante e tecnicista. Buscava-se adequar à educação as mudanças dos últimos anos, que tornaram o país mais industrial e tecnológico. A educação, portanto, visava criar indivíduos qualificados para o trabalho. Nessa época o espírito reflexivo, autônomo e crítico foi banido das escolas, e isso pode ser percebido até pela arquitetura dos prédios escolares da época, com seu aspecto verticalizado, sem pátios internos (espaço de discussão e conversa entre seus pares), sombrio, disciplinado, silencioso e de paredes opacas.

Desde sempre a educação faz-se fundamental, especialmente quando se adentra no contexto de mudanças constantes do mundo globalizado. A todo momento a roda da história se move apontando, em seu trajeto, anseios e necessidades de transformações significativas que, no acontecer dos movimentos e lutas sociais, buscam equidade, justiça e igualdade de direitos. Portanto, a educação existe para que os protagonistas do mundo – a humanidade – possam então transformá-lo. Nas palavras de Demerval Saviani em seu livro *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações* o ato de educar está baseado em:

A natureza humana não é dada ao homem mas é por ele produzida historicamente sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. (SAVIANI, 2008, p. 7).

Entretanto, percebe-se que a realidade é muito discrepante no campo da educação. Nesse sentido, a educação não é pensada visando a coletividade, mas a individualidade, a partir da competição, foco e meritocracia. Para Celso João Ferretti, “tanto Marx quanto Engels, e depois Gramsci, não pensaram a educação numa perspectiva meramente técnico-pedagógica, mas eminentemente histórico-política, a qual tem por referência principal o embate de classes na sociedade capitalista.” (Ferretti, 2009)

Infelizmente ainda não existe um projeto educacional único que favoreça às classes sociais igualmente. O sistema capitalista é o maior incentivador dessa desigualdade, por conta de seu foco completamente associado ao lucro e a opressão.

Hoje o mundo globalizado espera que os indivíduos se virem sozinhos isso significa que todos devem se esforçar e adquirir múltiplas competências e habilidades, para não fiquem desempregados. A educação, por sua vez, que sempre foi entendida como instrumento de humanização, tornou-se em nossa época um instrumento de reificação. Com isso, a cultura produzida e disseminada pela educação é uma mercadoria que agrega valor à subjetividade dos indivíduos. (SOUZA, 2016 p. 6)

A fim de reverter o quadro ou, pelo menos, diminuir a diferença abismal entre as classes, é necessário apostar na educação, instrumentalização e cultura das massas populares, como Rafael Mori aponta: “a educação é posta como condição necessária, embora não suficiente, para exercer o papel da instrumentalização das classes populares e elevar o nível de cultura das camadas exploradas.” (MORI, 2020 p. 26) O educador Paulo Freire contribui muito para esse debate. As pesquisadoras Letícia Silva e Regimarina Reis apontam com lucidez:

A contribuição de Paulo Freire não se tratou estritamente da importância de saber ler e escrever, mas também de ser e estar no mundo, de ser para além das “sinas” sociais. Significou uma possibilidade de reinvenção de homens e mulheres que, no processo de alfabetização, eram tratados como sujeitos em diálogo com suas realidades. Realidades estas passíveis de questionamento e reinvenção. (SILVA; REIS, 2020, P.61)

A partir da perspectiva que entendemos, o papel de uma escola não deve ser apenas transmitir ensinamentos das disciplinas curriculares, mas, sobretudo, preparar e completar a formação do sujeito. Essa é uma afirmativa que se encontra associada a ideia de que a sociedade carece de cidadãos que sejam capazes de governar ou de eleger e controlar quem governa, e para isto devem ser educados. Essa expectativa amplia-se cada vez mais diante da crise social e política atual e a necessidade de mudança. É importante registrar que são múltiplos e distintos os discursos sobre qual deveria ser o papel da escola e as disputas sobre diferentes concepções de mundo, ainda que pareça mais consensual entre os que buscam uma sociedade menos desigual que a “escola deve ser pública, universal, obrigatória, gratuita e laica.” (SAVIANI, 2018, p. 12). Diante desse cenário, a escola deveria ser um espaço onde o aluno é protagonista, mas infelizmente a realidade brasileira de muitas escolas não é essa.

Ainda assim, percebe-se que com o passar do tempo, o desenvolvimento permitiu à sociedade novas visões de mundo e leis que também repercutiram na educação, se considerarmos que no século anterior o ponto central da educação era a rigidez frente ao ensino e à formação do sujeito como afirma Saviani: “a escola organizava-se como uma agência centrada no professor, o qual transmitia, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos” (SAVIANI, 2018, p. 6) Aos alunos cabia assimilar os conhecimentos que lhes eram transmitidos, ao passo que, ao longo do tempo, foram estabelecidas modificações nas três categorias fundamentais: a escola, o professor e o estudante (FARIA e CASAGRANDE, 2004) e, dentre elas, mudanças frente à formação do sujeito. Isso porque a escola é uma importante e central instituição social pela qual os indivíduos passam, e é fundamental para a formação da personalidade, identidade.

1.1 A formação humana em questão

Um dos desafios da educação brasileira é preparar os estudantes não apenas para tornarem-se os ditos copistas: jovens capazes de fazer cópias de longos textos com perfeição e capricho, sem que consigam ler o que escreveram. A cópia permite tanto a dissimulação do aluno e do docente quanto do exercício adequado dos seus papéis (SANTOS, 2008; SOUZA, 2007).

Com o neoliberalismo, a educação tornou-se um instrumento para se produzir mercadorias. As novas exigências no mundo do trabalho demandam um trabalhador que invista nele mesmo, que seja polivalente, multifuncional, flexível e competente. Desse ponto de vista, o indivíduo surge para a educação como um ser genérico, um ser anônimo, que só pode ser construído como objeto, ou seja, como mercadoria. (SOUZA, 2016)

Atualmente, a legislação da educação no Brasil garante, respalda e assegura todos os estudantes do território nacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) em seu artigo 35 prevê os seguintes objetivos: consolidar os conhecimentos adquiridos no nível fundamental; preparação para o trabalho e exercício da cidadania; e aprimoramento da pessoa humana – incluindo a formação ética, desenvolvimento da autonomia intelectual e pensamento crítico, bem como a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria e prática, em cada disciplina. Assim como o Estatuto da Criança e

do Adolescente (ECA), que em seu artigo 53º, assegura que a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; direito de ser respeitado por seus educadores; direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores; direito de organização e participação em entidades estudantis; acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica (BRASIL, 1990).

Segundo Teixeira (2010), para que se alcance uma educação de qualidade esta deve estar atrelada ao conhecimento. Dessa maneira, será possível a construção do conhecimento voltado para uma educação comprometida e, realmente, construtiva, visto que a escola está mergulhada, como parte de uma sociedade que, por si só, é geradora de exclusão (BARBOSA, 2004). A escola deveria ser um espaço de desenvolvimento de formação crítica, com alunos questionadores e interessados que, juntamente com as demais forças transformadoras, possa intervir na construção de um projeto de sociedade com a possibilidade de colocar a escola a serviço da valorização da vida e da dignidade (BARBOSA, 2004).

O processo ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade, a relação interpessoal professor-aluno é um fator determinante. Esses atores são concretos, históricos, trazendo a bagagem que o meio lhes ofereceu até então; estão em desenvolvimento, processo que é aberto e permanente. ((MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p.12).

Cabe pontuar que a contrariedade à formação crítica é muito anterior dos projetos de lei sob a rubrica Escola sem partido, tendo em vista que “sob o capitalismo, a interdição do ato de ensinar, ao menos para as grandes maiorias, surge como um traço distintivo do próprio sistema vigente” (SAVIANI, p. 227).

O Movimento Escola Sem Partido foi criado em 2004, bem antes das ideias reacionárias que circundam o Brasil. Desde o golpe de 2016, esse movimento ganhou mais projeção e evidência até ocupar espaço no atual governo de extrema-direita. O movimento está ligado aos setores de cunho conservador da sociedade, e têm encontrado um ambiente fértil e propício para a difusão e vocalização de posições tidas como superadas na sociedade brasileira. O projeto atua contra a liberdade de ensinar, e faz parte de um movimento reacionário contra os direitos sociais, e por isso é que miram na escola pública. (BEZERRA. 2019)

Para o movimento Escola Sem Partido, o debate de ideias nas escolas tem de ser proibido. Seus apoiadores incentivam a filmar e denunciar professores que propõem debates contrários às opiniões do movimento, constringendo e disseminando o medo na sala de aula. Acreditam numa escola que não ensine, que não discuta e que não reflita sobre os problemas sociais que acometem as estruturas do Brasil e do mundo.

Na mesma lógica, por conta da Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/2017) aprovada no governo de Michel Temer, Filosofia e Sociologia, duas das principais matérias que são a espinha dorsal para um bom desenvolvimento crítico acerca da realidade, estavam sob ameaça de serem optativas nas escolas, dando a estas autonomia para transmitir esse conhecimento ou simplesmente descartá-lo. Algumas escolas conteudistas de rede funcionam com a não-obrigatoriedade de matérias como a educação artística e a educação física, implicando no engessamento dos corpos dos alunos. Corpos estes que têm necessidade de extravasar sua energia através da criação e do movimento.

Saviani aponta, desde os anos de 1990, que passa a vigorar no Brasil o projeto de generalização da escola. Contudo o autor adverte:

A contradição entre as classes marca a questão educacional e o papel da escola. Quando a sociedade capitalista tende a generalizar a escola, esta generalização aparece de forma contraditória, porque a sociedade burguesa preconizou a generalização da educação escolar básica. Sobre esta base comum, ela reconstituiu a diferença entre as escolas de elite, destinadas predominantemente à formação intelectual, e as escolas para as massas, que ou se limitam à

escolaridade básica ou, na medida que têm prosseguimento, ficam restritas a determinadas habilitações profissionais (SAVIANI, 1996, p. 159).

Com essas afirmações Saviani elucida que no Brasil a Educação sempre esteve marcada pela inexistência de um sistema educacional, assim como pela descontinuidade das políticas de governo para a Educação, o que tem sistematicamente negado a possibilidade efetiva de um projeto educacional consistente e crítico.

Observa-se que a história da educação brasileira apresenta muitos desenvolvimentos. A educação tradicional evoluindo para a moderna se faz notável ao longo do tempo, em que os alunos frequentavam um ambiente repleto de normas e proibições, onde o respeito ao professor era prioridade em todos os sentidos. Ainda hoje, pode-se perceber traços dessa escola tradicional em escolas públicas e particulares. (MIRANDA, 2015; SOBRINHO, 2015.)

CAPÍTULO 2: Sobre as perspectivas pedagógicas

Neste capítulo, apresento as propostas pedagógicas com o objetivo de conceituá-las dentro do campo pedagógico. A educação, no princípio, seria uma atividade social antiga, que em sua primeira conceituação seria definida como uma prática espontânea e irrefletida, que se desenvolveria na autorreprodução dos hábitos, valores, culturas e comportamentos manifestados na sociedade. (CAVALCANTI, 2019)

Dermeval Saviani em sua obra “*Educação e Democracia*” apresenta educação como “um fator de equalização social, [...] que deve cumprir a função de ajustar, e adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando neles autonomia e crítica para atuarem na sociedade.” (SAVIANI, 2018, p. 11)

Entretanto, esta primeira conceituação apresenta-se abrangente e insuficiente, logo, o termo educação passa a ser pensado a partir dos processos democráticos e sua conceituação que antes se apresentava como um processo ‘natural’ e de ‘repetição’, passa a se basear nas questões da coletividade humana, na reflexão e no questionamento. Portanto, nesta nova acepção, a prática da educação se manifesta de maneira investigativa, reflexiva, que questiona aquilo que é manifestado nas atividades da coletividade humana (DO VALLE, 2009).

2.1 Valores em disputa

Entende-se que a proposta pedagógica pautada na consciência, crítica e reflexão acerca do mundo e dos questionamentos que o movem pode ser classificada como socioconstrutivista, na qual os valores são transpassados objetivando a formação de cidadãos críticos e dispostos a mudar a sociedade. Três pilares conduzem essa proposta: autonomia, liberdade e responsabilidade e essa compreensão preliminar, que será aprofundada na elaboração do estudo, me permitiu observar, analisar, comparar e, finalmente, entender as diferenças entre as duas propostas: a socioconstrutivista e a conteudista.

Fosnot (1998) reconhece como aspectos essenciais da prática educativa, numa perspectiva sócio-construtivista: permitir

que os alunos formulem as próprias perguntas, gerem suas hipóteses e modelos e testem sua validade; proporcionar investigações desafiadoras que gerem possibilidades, tanto corroboradoras quanto contraditórias; incentivar a abstração reflexiva como força dinamizadora da aprendizagem, na medida em que, através dela, os alunos organizam, generalizam e criam sentido para as experiências vivenciadas; incentivar a conversação, a argumentação e a comunicação das idéias e dos pensamentos dos alunos e promover o movimento dos alunos na busca da produção e da construção de significados, movimento este através do qual a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento das estruturas psicológicas. (BOIKO, 2001)

Nas palavras de Boiko, “o sócio-construtivismo é uma teoria que vem se desenvolvendo, com base nos estudos de Vygotsky e seus seguidores, sobre o efeito da interação social, da linguagem e da cultura na origem e na evolução do psiquismo humano. Segundo este referencial, o conhecimento não é uma representação da realidade, mas um mapeamento das ações e operações conceituais que provaram ser viáveis na experiência do indivíduo.”

Em contrapartida à segunda metade dos anos de 1970, marcada pela crítica ao papel da escola na reprodução da estrutura de classes, florescem trabalhos voltados para o conhecimento dos fatores intraescolares, como mecanismos de exclusão dos setores populares, considerando-se a “rede de expectativas e contradições que permeiam a prática pedagógica” (SOUZA, 2000, p. 43).

A proposta conteudista associa os três anos conclusivos do ensino médio a apenas uma preparação para o ENEM, incluindo a aprovação do aluno nesse sistema de avaliação. Quando o aluno é apenas um receptáculo de informações que serão testadas num exame exaustivo em que se mede muito mais sua resistência que os conhecimentos obtidos no ensino básico, atinge-se apenas os objetivos de uma das propostas pedagógicas: a conteudista. Esta proposta majoritariamente, controla os

alunos por meio das notas obtidas em provas trabalhosas que medem sua capacidade de decorar o conteúdo, muitas vezes distante da realidade concreta, em que se esvazia o sentido significativo daquele conteúdo para a vida. Qual seria o papel do professor como um motivador da consciência crítica nessa proposta, quando a sua maior preocupação é fechar um conteúdo para ser avaliado numa prova seguindo as enormes apostilas que a proposta inclui? Essa proposta acaba cerceando a liberdade do professor em executar atividades mais lúdicas e interdisciplinares, que são uma experiência de construção coletiva. Além disso, o aluno acaba não encontrando, em meio a enxurrada de informações, espaço para questionar e criticar. Seu foco e objetivo está unicamente apontado para a aprovação no ENEM, classificação do estudante em uma faculdade e mérito, honra e lucro para o nome dessas escolas e seus modelos, “responsáveis” pela aprovação daquele estudante, que pode tender a concluir o período com alguma percepção de mal estar físico e até mesmo transtornos psicológicos, como: ansiedade e depressão e acabar gerando estresse, insônia entre outros incômodos.

Na maioria das vezes, na proposta conteudista, não há formação centrada nos valores anteriores (autonomia, responsabilidade e liberdade), pois acabam sendo deixados de lado. O perfil de escola a que me refiro também julga motivador e estimulante, *rankear* os alunos das séries em uma lista com as dez maiores notas do ciclo de provas vigente, e tem suas salas sem janelas, e uma espécie de tablado referenciando, subjetivamente, o professor como superior, detentor da cultura e do conhecimento, como uma hierarquia. São estes e muitos outros fatos e aspectos que nos levaram a analisar a proposta de ensino conteudista.

É necessário compreender os efeitos das diferentes concepções pedagógicas na formação de cidadãos conscientes. Diante das leituras realizadas, destaco o ensaio “*A Pedagogia do Oprimido*” do renomado patrono da educação brasileira – Paulo Freire, que foi imprescindível para a compreensão ético-crítico-política da educação e, então, para a realização deste projeto. Paulo Freire em seu ensaio *A Pedagogia do Oprimido* defende uma educação libertadora, que fuja do tradicionalismo educacional e se reinvente, possibilitando o processo de conscientização dos oprimidos diante daqueles que os oprimem. Nesse livro, o educador apresenta uma realidade dualista de opressores e oprimidos e a busca pelo processo de libertação do estado de opressão dos que a sofrem, por meio da educação.

A educação libertadora pressupõe que o aluno seja o protagonista do seu próprio saber, e como todas as pessoas são individuais e diferentes, há necessidade de motivar a autonomia de cada aluno. Saviani, afirma:

Forja-se, então, uma pedagogia que advoga um tratamento diferencial a partir da “descoberta” das diferenças individuais. Eis a “grande descoberta”: os homens são essencialmente diferentes; não se repetem; cada indivíduo é único. Portanto, a marginalidade não pode ser explicada pelas diferenças entre os homens, quaisquer que elas sejam: não apenas diferenças de cor, de raça, de credo ou de classe, o que já era defendido pela pedagogia tradicional; mas também diferenças no domínio do conhecimento, na participação do saber, no desempenho cognitivo. (SAVIANI, 2008, p.7).

É importante também destacar que o trabalho assim como a escola configuram-se como espaços que atravessam a relação do indivíduo com a sociedade e é válido reconhecer esses ambientes na constituição do processo de saúde/doença de trabalhadores e alunos. Espaços que determinam um espectro de fatores que interferem nas condições de saúde, são os ambientes em que ocorrem as relações sociais e o sentimento de pertencimento a uma coletividade. Assim, o trabalho e também, o estudo, se configuram como fatores de relevância na produção de saúde. (CAVALCANTI, 2019)

Fica claro, especialmente nos anos finais do ensino básico, que o percurso até a aprovação em alguma universidade gera desgaste emocional dentre os estudantes, principalmente devido à cobrança, o que será analisado a partir das narrativas de alunos nas redes sociais.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

A monografia está baseada na abordagem qualitativa. Usa como estratégias de pesquisa a revisão da literatura e material relativo ao tema do estudo, por meio de artigos, relatórios de pesquisa, livros, vídeos, filmes, teses, tendo como referência os descritores: ensino médio; perspectivas pedagógicas; formação crítica;

Para a obtenção dos resultados, optei pela coleta de relatos, desabafos e confissões em redes sociais, tendo em vista a liberdade e espontaneidade que esse meio possibilita aos estudantes, majoritariamente jovens, portanto, familiarizados com as mesmas.

É notório que, com a globalização, o uso dos meios de comunicação, principalmente a internet e as redes sociais, têm crescido exponencialmente. Grupos como adultos e jovens – e até mesmo alguns idosos – se arriscam nas ferramentas digitais. Por um lado isso é vantajoso para a socialidade, como afirma os pesquisadores Suely Deslandes e Tiago Coutinho. Isso porque convoca e desafia a todos a ampliar horizontes para além do cotidiano (DESLANDES e COUTINHO, 2020) de exercer a comunicação e a troca com outras pessoas de todas as partes do globo. Com a explosão da pandemia da Covid-19 no mundo, as pessoas têm usado os meios digitais com muito mais assiduidade, abrindo oportunidades para muito mais desabafos, relatos e confissões, como as redes sociais possibilitam aos usuários.

A pesquisa se deu por meio do mapeamento de relatos livres e espontâneos sem restrição de acesso e uso de estudantes do ensino médio por meio de redes sociais como Twitter e Instagram.

Os dados foram coletados a partir da busca por palavras-chave que se relacionem com este projeto. Assim, filtra-se os posts e *tweets* a fim de encontrar percepções sobre as propostas pedagógicas da ótica dos próprios estudantes.

Como apresentado, um dos objetivos deste trabalho foi identificar narrativas dos alunos sobre a escola e suas propostas pedagógicas a partir da coleta e análise de desabafos e relatos espontâneos por meio de redes sociais, como: indícios de mal-estar, queixas, críticas e percepções dos alunos a respeito da vivência do ensino secundário. Esse processo permitiu compreender a percepção dos

estudantes acerca do mundo e suas possíveis relações com as distintas propostas pedagógicas sejam elas socioconstrutivista ou conteudista. O presente estudo possui um caráter exploratório a partir de uma abordagem qualitativa, uma vez que se pretendeu retratar a visão e as experiências escolares dos discentes.

Como mencionado, a coleta de relatos foi feita através de redes sociais, de maneira livre e espontânea. Dia 12 de fevereiro, através de um recurso da rede social Instagram, realizei aos meus seguidores o seguinte questionamento: ‘A sua escola te ajudou a perceber o mundo? Como?’. A coleta foi feita a partir de uma caixinha de perguntas disponível por 24 horas, por onde foi possível receber cerca de 94 relatos espontâneos. A percepção dos alunos foi analisada a partir de uma descrição geral do que foi encontrado e me detive nas respostas que respondiam aos objetivos do estudo. O mesmo aconteceu na rede social Twitter, onde é possível escrever breves “bilhetes” de até 240 caracteres. Lá, fiz a mesma pergunta, onde obtive um número bem menor de respostas – 7.

A análise do material empírico buscou responder às seguintes questões: qual a percepção dos alunos do ensino médio sobre as propostas pedagógicas conteudista e crítico-reflexiva; como as diferentes propostas pedagógicas formam o aluno como um sujeito; as bases das propostas pedagógicas conteudista e crítico-reflexiva; e a percepção dos alunos do ensino médio sobre essas propostas.

CAPÍTULO 4: PERCEPÇÕES DOS ALUNOS

Os estudantes, nas redes, parecem se sentir confortáveis para fazer desabafos e confissões por meio de *posts* e *tweets*, muitas vezes associadas à sensação de cansaço por ter de passar pelo processo considerado “desgastante” dos anos conclusivos do ensino médio pelos próprios alunos.

Seguindo essa percepção o primeiro relato coletado foi um *tweet* feito por uma estudante da rede particular de uma escola de rede. No terceiro ano do ensino médio, desabafa: ‘ai cara o vestibular irá me matar’.

4.1 Aprender na escola, usar na vida

Alguns alunos apresentam percepções distintas acerca do ambiente escolar. No presente espaço, os estudantes se queixam da “inutilidade” das informações retidas por eles nas escolas, julgando não serem necessárias para a vida.

Um estudante comenta que pouco do que se aprende na escola é usado na vida. Mais do que isso percebe que deixam de aprender o que seria importante para a vida: ‘De 1000 coisas que a gente vai aprender na escola, vai ter gente que vai usar 10 na vida [...], mas a verdade eh que ninguém vai usar mais do que isso... Resumo, os otários dos alunos aprendem coisas inúteis e deixam de aprender coisas que são importantes pra vida’.

Essa é uma linha de análise que parece indicar uma frustração com o que deveria ser o papel da escola e encontro outro relato que se aproxima dessa perspectiva: ‘obrigada escola, eu não sei defesa básica, não sei o que é INSS, não sei comprar um carro ou uma casa, não sei o que é IRS, não sei abrir uma conta no banco, mas sei diferenciar rochas’.

Como mencionei na metodologia, foram poucos os estudantes que participaram da enquete no Twitter. Ainda assim são percepções semelhantes e destaco uma do estudante que confessa ter reclamações a fazer: ‘vai parecer que eu to reclamando, mas eu tô mesmo. A gente passa a maior parte da vida na escola, “aprendendo” coisa que a gente nem vai usar na vida e sai sem saber abrir

uma conta num banco, sem uma mínima ideia de como fazer primeiros socorros, sem saber montar um currículo. [...] Adultos, entendam: grande parte do que nos é passado na escola não vai servir de nada na nossa vida. Não é que a gente não tenha interesse em nada, mas há mais coisas importantes na vida de um ser humano em formação do que saber que a clorofila é o pigmento verde da planta’. E uma colega partilhou sua percepção: ‘eu sempre falo isso também. Eu fui montar um currículo [...] e não fazia ideia de como começar. Também não faço ideia de como funciona uma conta bancária. Eles não preparam a gente pra vida, só pro Enem.’.

Uma estudante de escola privada argumenta: ‘Estudei na escola particular para depois ir para o IFBA e só então percebi a bolha que é a escola particular. Tudo é muito superficial, voltado para o ENEM. Se um assunto não cai em vestibular, é como se ele não existisse. [...] A escola particular pode te preparar para o ENEM. Para calcular quanto gastar em cada questão, mas ela não te prepara para a vida. Para entender o outro, a diferença. Não te prepara para lutar pelos seus direitos, ou até só saber quais são. Não te mostra outras realidades.’ Encontrei um *tweet* que gerou muitas replicações: ‘Eu nunca vou entender o raciocínio da escola nos ensinar sobre o sistema excretor de um peixe mas não nos ensinar como declarar um imposto ou sei lá.’ E as replicações: ‘querem nos manter pobres, simples. Se realmente se importassem com nossa vida pós escola, educação financeira seria uma das principais matérias. Fábrica de empregados assalariados que aprende a obedecer sem questionar’; ‘Uma coisa que eu senti muita falta na escola é educação financeira. [...] É o básico pra sobreviver num sistema capitalista e ninguém fala sobre’; ‘Deveriam ensinar educação financeira, direitos básicos, empreendedorismo, libras e formas de acessibilidade, noções de mecânica, noções de informática. Coisas que são essenciais pra vida adulta pós escola e não passam nem perto de ensinar.’

4.2 Conteúdos sim, mas em diferentes perspectivas

Mais do que perspectivas pedagógicas, os alunos parecem preocupados com conteúdos que os permitam se situar no mundo, sentem que o papel da escola é oferecer lentes amplas que permitam expandir as chances de fazer escolhas mais conscientes com o que acontece na vida real, que seria a que começa quando a escola acaba. É importante mencionar que a maior parte dos que responderam se encontram nessa fase de finalização do ensino médio. Essa é uma etapa que

representa uma transição para a entrada na vida real, o que parece ter atravessado os depoimentos dos estudantes.

A começar pelo Twitter, rede em que recebi menos respostas, uma aluna que fazia parte de uma escola conteudista e hoje aluna da EPSJV respondeu ao questionamento ‘A sua escola te ajudou a perceber o mundo? Como?’ da seguinte forma: “Antes não me permitiu senso crítico nenhum. Já o contexto de unir alunos de outros lugares, classes sociais e religiões diferentes sim. A escola não ajudou em nada. O modo de inserção do ambiente escolar que disponibilizou algum senso crítico.” Outra aluna da Escola Politécnica, ambiente de perspectiva crítico-reflexiva, relata: “A Escola em si me descobriu o talento que eu tinha para a arte, e quando entrei no ensino médio, era uma aluna que veio de uma escola precária e não entendia tanto sobre injustiças. A escola me auxiliou muito com os debates. Eu era uma aluna de uma escola dentro da comunidade. Juro pra você, eu era uma das melhores da escola. Nunca soube que no ensino médio eu aprenderia filosofia ou sociologia. Foi até um baque descobrir isso quando entrei na escola secundária. Minha criação foi muito reservada. Vim de uma família ligada em duas religiões: espírita e cristã. Então, quando entrei no ensino médio, tive aquele choque de realidade ao visualizar o problema social do Brasil como um todo. E o pior de tudo: perceber que integro ele.” A estudante de uma escola conteudista de um bairro de classe média alta do Rio de Janeiro respondeu assim: “Amiga, queria muito que você entendesse: a escola foi o pivô de todos os problemas que sofro hoje. Incluindo embranquecimento, distúrbio alimentar e etc.”

Ainda com o intuito de responder ao questionamento ‘A escola te ajudou a perceber o mundo? Como?’ uma estudante de escola conhecida por muitas aprovações no vestibular explicita: “A escola não me ajudou, mas alguns professores definitivamente SIM”. Outro aluno de uma escola cristã responde: ‘Depende do professor, mas a instituição escola só quer despejar conteúdo a todo momento. Antes eles tinham um pensamento melhor’. Se diferenciando do padrão de respostas, uma aluna de escola de formação de professoras explana: ‘sim. Meu ensino médio era tudo menos conteudista, na real quase não tinha conteúdo por ser mais matéria pedagógica que fazia a gente pensar qual era o ideal de educação.’ Uma estudante de escola de perspectiva conteudista e preparação para os vestibulares responde simplesmente ‘Não’. ‘Minha escola ensinou sobre um mundo competitivo e que a arte não leva a lugar nenhum. Graças a Deus não levo em consideração

o que aprendi lá' é o relato de uma estudante artista de escola conteudista. Objetivando responder à pergunta, uma aluna da Escola Politécnica evidencia: 'Sim. Sem as discussões trazidas pelos professores eu não teria metade do conhecimento sobre política que tenho hoje. Fundamental.' No mesmo cenário, um aluno apresenta: 'Sim. Me auxiliando de forma crítica, me ajudando a reconhecer os direitos humanos e a me reconhecer'. Outra aluna dispõe: 'Sim. (A Escola) estourou a minha bolha, me fez perceber que temos que lutar sempre pelos nossos direitos'.

A estudante de uma escola pública estadual afirma: 'Sim! Meus professores sempre foram muito observadores quanto a tudo e sempre me fizeram perceber o meu lugar no mundo e os limites o ser humano'

Em outra realidade – de uma escola privada – um de seus alunos diz: 'Um professor meu sim. As aulas deles eram feitas sob rodas de conversa onde diversos temas eram debatidos e questionados.'

A aluna de uma escola católica desabafa: 'Não. Só ajudou a saber que católico reza por si só e foi isso que eu aprendi'

Ao focalizar outro grupo de alunos que respondeu ao questionamento – aos que responderam que a escola lhes possibilitou uma lente ampla de visão de mundo – torna-se viável uma análise mais específica. Deve-se considerar que todos os alunos deste padrão de resposta são estudantes de escolas públicas e federais, como a EPSJV, o CEFET e o IFRJ, por exemplo. Portanto, garante-se um alunado bem mais diversificado em comparação a “escolas de bairro”, onde a maior parte dos estudantes está concentrada no mesmo espaço territorial. A diversificação de estudantes de escolas públicas e federais é grande, e cada um, em sua individualidade, traz consigo vivências e peculiaridades que são decisivas para a noção de mundo de um indivíduo.

Um aluno que hoje estuda na EPSJV oriundo de escola pública municipal expõe: “Com certeza sim. Vim de uma escola que só despejava conteúdo, com professores que pareciam estar ali obrigados. Quando cheguei no ensino médio, a realidade foi totalmente diferente. Tanto o espaço quanto os professores foram fundamentais pro desenvolvimento do meu senso crítico.”

O que foi explanado anteriormente se confirma a partir da fala de outra aluna da Escola Politécnica: 'A EPSJV me ajudou muito a perceber o mundo. A começar pelo próprio território onde a escola

está localizada (Manguinhos). Quando a gente chega lá, toma um choque de realidade. Depois, aprende a lidar com o diferente, o que não acontece em uma escola de bairro, por existir fatores em comum entre os estudantes. Além disso, as temáticas levantadas em aula desde o primeiro ano são essenciais como: machismo, homofobia, racismo, contextos socioeconômicos, que não veríamos em outra escola tão facilmente. Inclusive, a EPSJV promove a autocrítica através de exercícios como as autoavaliações’

Outra resposta enfatiza a ideia anterior: ‘A escola em si, nada ou muito pouco. Porém as pessoas lá dentro expandiram a minha mente’. Dentro deste grupo, destaco um subgrupo de respostas: aqueles que antes tinham pouca visão de mundo por estudarem em escolas pequenas e “de bairro” e depois adquiriram ao passarem para uma escola pública e federal de perspectiva construtivista. A estudante de uma escola pública e federal, o CEFET, relata com precisão abaixo o sentimento de alguns estudantes: ‘Com certeza sim, especialmente a pública! Por meio do contato com textos e autores que provavelmente jamais seriam passados se eu tivesse em uma particular (porque focaria só no vestibular) e debates, palestras, atividades, além de conviver pessoas de diferentes lugares na mesma sala de aula. Isso tudo ajudou na minha formação como pessoa mesmo e abriu meus olhos pro mundo, me tornou uma pessoa muito mais aberta, compreensiva e questionadora.’

A aluna de uma escola socio-construtivista da zona Sul da cidade garante: ‘Sim! A gente tinha aula dinâmicas reflexivas. Nessas aulas podíamos falar sobre nossos sentimentos, elogiar o outro, fazer perguntas uns para os outros e trabalhar nossa saúde mental. essa com certeza era a aula mais marcante para mim. Mas acho que mais do que a escola em si (a instituição), os professores, como seres pessoais, são os grandes responsáveis por muitas lições que eu tirei durante meu período na escola’

Um aluno da EPSJV trouxe uma resposta apontando algumas disciplinas oferecidas na Escola Politécnica: ‘Sim. Isso graças a uma perspectiva popular e crítica. Disciplinas como o IEP (Introdução à Educação Politécnica) e o TI (Trabalho Integrado) foram fundamentais no processo, não podendo deixar de lado o próprio TCC, abrindo margem para temas livres.’ A aluna de uma escola pública municipal garante: ‘Me ajudou a entender como o sistema é: injusto pra caramba.’

Diante das análises realizadas, é possível considerar que parte dos alunos entrevistados alega que o espaço escolar não lhes permitiu senso do mundo, devido ao perfil conteudista que algumas delas adotam. Parte dos alunos também garante que apenas alguns professores os ajudaram a pensar mais criticamente, o que reflete um desequilíbrio perceptível pelo alunado:

‘Não, minha escola sempre esteve muito mais preocupada em despejar nos alunos informações desnecessárias do que uma postura mais reflexiva’, relata um aluno.

O relato que segue foi feito por uma pessoa já formada, mas que se interessou por contribuir para a pesquisa: ‘Não. Aprendi levando porrada da vida’. Um outro me chamou atenção: ‘Não vou responder porque a escola ferrou com a minha cabeça. A única percepção que ela me passou é de que o meu sofrimento nunca teria fim.’ Esta fala foi feita por uma aluna de escola de rede, de perspectiva conteudista. Em seu relato é possível identificar o reflexo da sobrecarga na fala da aluna, que respinga para o âmbito da saúde. Torna-se evidente o negligenciamento de algumas escolas sobre o mal estar dos alunos. Geralmente, as escolas, principalmente as de rede, estão mais focadas em resultados positivos à custa de sua saúde mental.

Na análise dos dados, foi possível, ainda, encontrar relatos que diziam que a escola não ajudava muito os alunos, mas o esforço de alguns professores é reconhecido. Como é o exemplo das falas: ‘Os professores me fizeram refletir muito, principalmente os de Sociologia e Filosofia. Me inspiravam e me deixavam desconfortável com o meu entorno. Mas também a vivência com os meus colegas. Muitas realidades e lutas de vida distintas’ e ‘A escola não, mas alguns professores estimulavam o pensamento individual’, ambas de alunos de escolas privadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto neste trabalho, percebe-se que, para que haja uma mudança no mundo em que vivemos, faz-se necessário um modelo educacional que permita aos alunos lentes para compreender as recorrentes mudanças que acontecem na vida cotidiana. Nesse sentido, é urgente rever o modelo de escola atual, que “na maioria das vezes, tem proporcionado um ensino baseado na transmissão-recepção-memorização de conteúdos que são vazios de significado para os alunos e professores” (FERREIRA e CUNHA. 2011, p. 7)

Em verdade, é fundamental termos uma geração mais compromissada com a sociedade, com empatia e alteridade. Podemos inclusive usar exemplos de fraternidade que estão surgindo no contexto da pandemia. E falar do futuro: como devemos agir pós-pandemia, como cidadãos? Precisamos discutir a cidadania nesse momento de crise. Trazer questões que estimulem dilemas, reflexões éticas e morais para dentro da sala de aula, também. (THOMPSON. 2020)

Diante da fala de Thompson, é necessário novos estudos e pesquisas para o aprofundamento da temática. Seguimos com autores que reforçam a concepção de que a escola deve ser um espaço da construção de subjetividades e de concepções e princípios que possibilitem ao aluno uma compreensão mais crítica e transformadora acerca da realidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **A fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista**. São Paulo: Cortez, 2017.

ARAUJO, Pollyana Verissimo de et al. **Eu gosto da Escola: um estudo sobre o apego ao ambiente escolar**. João Pessoa, 2016.

BARBOSA, Márcia Silvana Silveira. **O PAPEL DA ESCOLA: Obstáculos e Desafios Para Uma Educação Transformadora**. Porto Alegre, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEZERRA, José et al. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Lei 9.394/96 – Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 17 de Novembro de 2020.

CAVALCANTI, Letycia Souza. **Mal-estar, sofrimento e adoecimento do aluno: a percepção discente do processo de ensino médio técnico de nível médio em saúde**. EPSJV/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2019.

COSTA, J. **O papel da escola na sociedade actual: implicações no ensino das ciências**. Viseu: Millenium, 1999.

DERLANDES, Suely e COUTINHO, Tiago. **Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro, 2020.

DESSEN, Maria Auxiliadora. & POLONIA, Ana Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Distrito Federal, 2007.

FARIA JIL, CASAGRANDE LDR. **A educação para o século XXI e a formação do professor reflexivo na enfermagem**. Rev Latino-am Enfermagem. Ribeirão Preto, 2004.

FERRETTI, César João. **O pensamento educacional em Marx e Gramsci e a concepção de politécnica**. Trab. educ. saúde vol.7 supl.1. Rio de Janeiro, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MAHONEY, A. A. ALMEIDA, L.R. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psicologia da Educação, São Paulo: 2005.

MIRANDA, M. M. P, SOBRINHO, L. M. S. S. **A escola tradicional nos tempos modernos**. Disponível em: < <https://peddigital.wordpress.com/2015/06/16/a-escola-tradicional-nos-tempos-modernos/>> Acesso em: 17 de Novembro de 2020.

MORI, Rafael. **Conceitos principais da pedagogia histórico-crítica**. Disponível em: <<https://blogdorafaelmori.wordpress.com/2020/02/06/4-conceitos-principais-da-pedagogia-historico-critica/>> Acesso em: 24 de fevereiro de 2021

PANIZZI, C. A. F. L. **A Relação Afetividade-Aprendizagem no cotidiano da sala de aula: enfocando situações de conflito**. Maringá, 2010.

RANIERI, Jesus. **A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

SANTOS, A. A. C. **Cadernos e outros registros escolares da primeira etapa do ensino fundamental: um olhar da psicologia escolar crítica**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SAVIANI, D. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. In: FERRETTI, C. J. et al. (Org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**, 41ª ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 223-74.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Letícia e REIS, Regimarina. **Quem tem medo de Paulo Freire?** Um ensaio a partir da formação social brasileira. Rio de Janeiro: Revista Universidade e Sociedade, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, M. P. R. **Prontuários revelando os bastidores do atendimento psicológico à queixa escolar**. Em B. P. Souza (Org.), **Orientação à queixa escolar** (pp. 27-58). São Paulo, 2007.

SOUZA, Michel Aires de. **Educação e Neoliberalismo: a transformação dos indivíduos em mercadoria**. São Paulo, 2016. Disponível em:

<<https://www.diaadiadovale.com.br/artigo/17/461/Educacao-e-Neoliberalismo-a-transformacao-dos-individuos-em-mercadoria/>>. Acesso em: 16 de mar. de 2021.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

THOMPSON, Miguel. Educação na pandemia deve priorizar reflexão e cidadania, dizem experts. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/06/13/educacao-na-pandemia-deve-priorizar-reflexao-e-cidadania-dizem-experts.htm>> Acesso em: 17 de mar. de 21